

Material para
professores



PARA ENTENDER O MUSEU

**MUSEU
DO IPIRANGA
— USP**

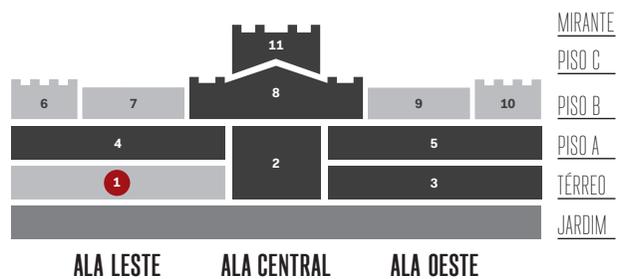
1

Exposição

PARA ENTENDER O MUSEU



LOCALIZAÇÃO NO MUSEU



Eixo 1 ● Para Entender o Museu

Eixo 2 ● Para Entender a Sociedade



Sempre que você encontrar esse símbolo na ficha técnica das obras, significa que essa é uma obra tátil.

Este livreto apresenta a exposição *Para entender o Museu* que integra o conjunto expositivo de mesmo nome e está localizada no Piso Térreo do Museu do Ipiranga. Ela conta com a curadoria de Solange Ferraz de Lima, curadoria adjunta de Rodrigo Silva, e assistência de curadoria de Marcelo Paiva e Guilherme Gonçalves.

Em nossa sociedade, fatos históricos são frequentemente celebrados por meio de monumentos. O Museu do Ipiranga ocupa um edifício projetado para ser um monumento à Independência do Brasil. Na exposição, iremos conhecer a história do Museu e do edifício onde está instalado.

Em 1895, o governo ocupou este prédio com o primeiro museu de São Paulo. Dada sua localização geográfica, a instituição ficou conhecida como Museu do Ipiranga. No início, o Museu abrigava coleções diversas, como as de botânica, zoologia, pintura, etnologia, entre outras. Progressivamente, tornou-se um museu de história, em que há objetos, pinturas, fotografias e documentos textuais. Iremos conhecer a trajetória de formação das coleções e entender como as pesquisas históricas sobre a sociedade brasileira são desenvolvidas atualmente.

A exposição recebeu o nome de "Para entender o Museu" porque pretende ser um ponto de partida para compreender como o museu foi criado e para apresentar os trabalhos de organização e estudo de coleções.

Ao visitar a exposição, você vai perceber que as histórias do edifício e do Museu são apresentadas paralelamente pelas salas. Neste livreto, os aspectos relacionados ao edifício serão abordados primeiro, desde sua construção até sua mais recente reforma. Em seguida, será apresentada a trajetória da instituição museológica, em especial sua forma de trabalhar atualmente.

UM PALÁCIO PARA CELEBRAR A INDEPENDÊNCIA

O que é um monumento? Por que são construídos? Sua construção em espaços públicos tem o objetivo de celebrar pessoas ou eventos considerados relevantes para determinados grupos sociais. É uma forma de conferir importância e garantir sua lembrança ao longo do tempo.

Desde a proclamação da Independência, ocorrida em 1822, pretendia-se construir um **monumento** no Ipiranga para celebrar o acontecimento. A ideia só se concretizou em 1885 com o projeto de um palácio. Esse não é um tipo de construção feita para reis e rainhas morarem? Nem sempre! O palácio construído no Ipiranga é o único caso no Brasil em que o monumento é um edifício e não uma escultura. Por ter tal função, nunca serviu de moradia ou sede governamental.

No final do século 19 a região do Ipiranga era um lugar pouco povoado, distante do núcleo urbano. Foi para esse espaço que o arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915) executou um projeto audacioso e de proporções inéditas em São Paulo.



Edifício-monumento do Ipiranga em construção, com andaimes e pessoas à frente. Fotografia, autor desconhecido, 1888.



Interior do edifício monumento do Ipiranga: Bezzi na escadaria central e andar superior visto a partir da escadaria central. Fotografia, Guilherme Gaensly, 1892.

A construção empregou muitos operários, dos quais temos poucas informações – não se sabe a origem exata dos trabalhadores e se tinham experiência com obras desse porte. Esse tipo de informação não foi registrada, mas fotografias da época registram os rostos desses homens.

Em contrapartida, o arquiteto Bezzi aparece em destaque na fotografia à esquerda indicando o seu protagonismo para a construção do edifício-monumento. A escadaria em que ele foi fotografado é feita de mármore italiano, um material nobre que confere mais notoriedade ao projeto.



MONUMENTO À INDEPENDÊNCIA



Outro monumento também foi construído para celebrar a Independência do Brasil, dessa vez um conjunto escultórico. O *Monumento à Independência*, localizado no Parque da Independência, foi projetado por Ettore Ximenes e Manfredo Manfredi (1889-1927) no contexto das comemorações do 1º Centenário da Independência, em 1922, sendo completamente finalizado quatro anos mais tarde, em 1926.

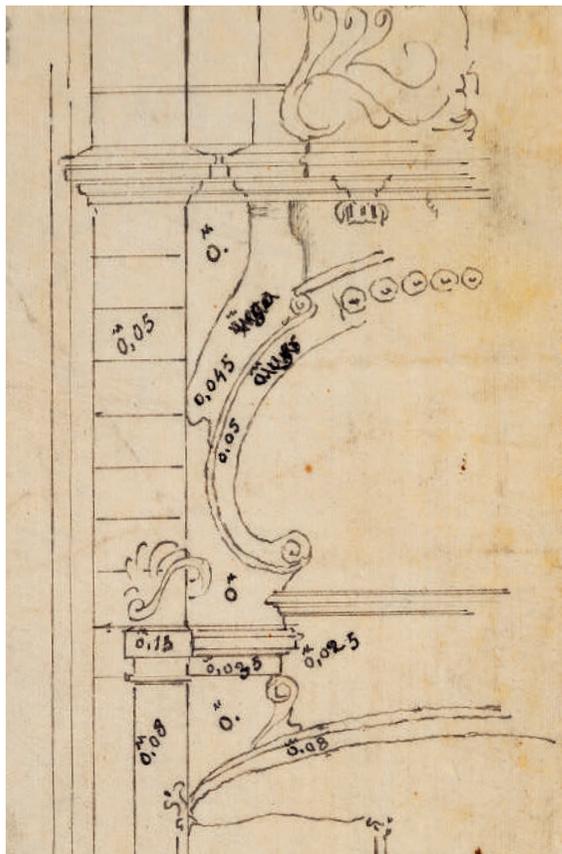
Sua construção principal é feita de granito e conta com diversas estátuas de bronze que representam momentos de luta pela independência, como a Inconfidência Mineira, além de personalidades que participaram do processo de independência do Brasil. Em uma das faces, o monumento apresenta uma interpretação da tela *Independência ou morte!* do pintor Pedro Américo.

Em 1953, uma cripta foi construída no interior do Monumento para que fossem depositados os restos mortais de dom Pedro I e de suas duas esposas, as imperatrizes D. Leopoldina de Habsburgo e D. Amélia de Leuchtenberg. Em 2000, foi projetado pelo Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) uma forma de acesso ao interior do monumento, onde está a cripta. Tanto a cripta quanto o Monumento à Independência são geridos pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, pelo Museu da Cidade de São Paulo e pelo Departamento do Patrimônio Histórico.

Monumento Do Centenário Da Independência. Fotografia, Ottokar Achtschin, Década 1920.

O projeto arquitetônico e as técnicas construtivas empregadas na concepção do edifício que abriga o Museu do Ipiranga foram registradas por Bezzi em diferentes documentos. Estes registros foram guardados pelo Museu e hoje fazem parte de sua coleção documental, como o esboço em que se vê o detalhamento da ornamentação do edifício, por exemplo.

Outro instrumento de trabalho, produzido entre os anos de 1885 e 1888, foi uma maquete de gesso, elaborada enquanto as obras do próprio edifício estavam a pleno vapor.

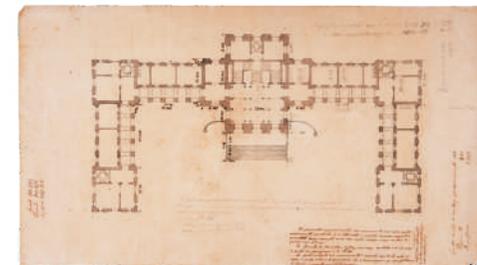


Esboço de detalhe arquitetônico de edifício. Reprodução de desenho em nanquim, Tommaso Gaudenzio Bezzi, década de 1880.

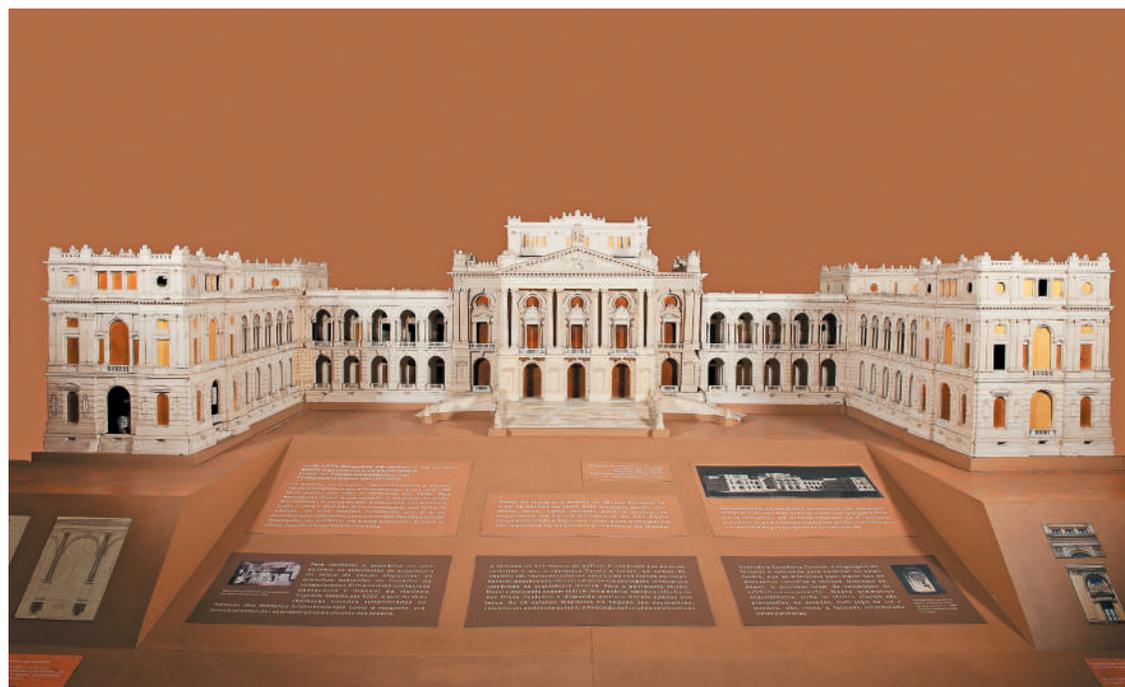
MAQUETES PARA PROJETOS DE ARQUITETURA



Qual a função de uma maquete em um projeto de arquitetura? Os arquitetos ainda utilizam este recurso? Hoje, estes profissionais utilizam uma série de aparatos digitais para fazer cálculos e projeções do edifício a ser construído. Para Bezzi, a maquete servia como instrumento de trabalho e parâmetro para a construção do edifício-monumento. Contudo, ela tem diferenças em relação à obra acabada: partes da ornamentação e da construção lateral previstas não foram concretizadas por falta de verba. Hoje, a maquete faz parte do acervo do Museu.



Monumento do Ipiranga - planta do pavimento térreo. Reprodução de desenho em grafite e nanquim, Tommaso Gaudenzio Bezzi, década de 1880.



Maquete do Museu Paulista. Gesso, Tommaso Gaudenzio Bezzi, 1885-1890.

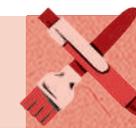


Showing cut on Ypiranga line S. Paulo. Fotografia, Guilherme Gaensly, 1904, Acervo Fundação Energia e Saneamento.

Bezzi se inspirou nos modelos dos palácios italianos construídos no período do Renascimento (1450-1650) para sua concepção. Até então a cidade de São Paulo não tinha sido palco de uma obra tão grandiosa e, portanto, não existia demanda para tamanha proporção de material de construção. A alternativa encontrada para suprir a necessidade deste material foi comprá-lo em diferentes olarias, locais especializados em fabricar tijolos. Elas estavam localizadas em diferentes regiões da cidade em crescimento, de forma que o material chegava ao Ipiranga por meio das linhas férreas.

Essa articulação entre as redes de olarias demonstra a complexidade da obra, um entre tantos desafios que Bezzi e os operários envolvidos encontraram para erguer a construção. Para contorná-los, fizeram uso de diferentes técnicas e tecnologias disponíveis no final do século 19.

PROFISSÕES NO MUSEU: ARQUEÓLOGA



Nos anos 1990, foi feita uma escavação arqueológica no subsolo do edifício-monumento. A área foi dividida em quadrantes para investigar fragmentos e objetos ali presentes. A professora e arqueóloga Margarida Andreatta e sua equipe encontraram vestígios de alimentos, garrafas de bebidas importadas e ferramentas utilizadas na construção. Essas descobertas ajudaram a compreender o cotidiano dos trabalhadores da construção do edifício. Foram encontrados tijolos de 25 marcas diferentes, o que nos revela que a demanda de material era muito grande, sendo necessário recorrer a diversas olarias da cidade.



Tijolo. Barro cozido, Fábrica de A. P. Rodovalhos São Paulo, 2ª metade do século 19.



Tijolo. Barro cozido, Fabricante desconhecido, 2ª metade do século 19.

ORNAMENTAÇÃO PARA UM EDIFÍCIO-MONUMENTO

Como você imagina que as pessoas reagiram à construção de um edifício suntuoso como o do museu em uma região pouco ocupada e numa cidade em que não havia nenhum prédio semelhante ao enorme palácio?

O compromisso de Bezzi de projetar um monumento à independência se revela em cada escolha feita pelo arquiteto, seja em termos das técnicas construtivas e materiais, seja no que diz respeito à ornamentação. Vamos conhecer alguns desses aspectos?

A edificação é disposta de forma simétrica, na qual destaca-se o corpo central, ligado às galerias pelas duas laterais. A sensação de simetria é reforçada pelos vãos de mesma distância formados pelas arcadas, ressaltando as proporções harmoniosas da fachada, em que se alternam cheios e vazios. O edifício está localizado em uma região que, no tempo de sua construção, estava próxima a uma área de vegetação natural. Por isso, a curadoria da exposição interpreta que a simetria do edifício sugeria uma ordenação daquele espaço natural ainda sem ocupação humana.

Essa relação com a natureza não se encerra aí: na fachada de 123 metros de comprimento, diferentes elementos receberam ornamentos inspirados em flores e folhas, segundo uma ordem de arquitetura grega, a coríntia. Ao privilegiar motivos vegetais na ornamentação externa, o arquiteto estabelece um diálogo com a natureza tão presente na região naquele período.

O corpo central do edifício é ornamentado com coroa, elmos (uma espécie de capacete), escudos e dragões, que se destacam em meio aos elementos vegetais e atuam como exaltação do Império, período em que a construção do monumento teve início.

Ao entrarmos no edifício, podemos perceber a utilização de diferentes estilos de ornamentação arquitetônica que caracterizam o projeto como eclético. Ao observar uma das 24 colunas localizadas no saguão do andar térreo, qual elemento decorativo se destaca?

Este conjunto de colunas não possui função estrutural, apenas decorativa. O arquiteto optou por uma ornamentação considerada mais sóbria, a da ordem **jônica**, também aplicada no pavimento térreo. O elemento em espiral é denominado **voluta** e caracteriza a ordem escolhida.



 **Fachada do edifício-monumento do Museu do Ipiranga.**
Fotografia, Pedro Catunda Marques, 2022.



HORTO BOTÂNICO



Você sabia que o bosque localizado atualmente atrás do Museu não é uma área de mata atlântica nativa? Ele é resultado do horto botânico iniciado pelo primeiro diretor, Hermann von Ihering. A ideia era reunir todos os representantes da flora paulista e alguns itens de outras partes do Brasil.

Reprodução de planta - esboço do horto botânico do Museu Paulista, 1924.

Observe a fotografia de uma coluna do piso A, acessado pela escadaria a partir do saguão. A decoração é a mesma das colunas do saguão? O que você identifica como diferente? As colunas da galeria são visíveis pelo exterior do edifício e, assim como outros elementos da fachada, apresentam motivos naturais. O arquiteto optou pelas **folhas de acanto** para ornamentar as paredes, colunas e arcadas, segundo a ordem **coríntia**.

No centro do Piso A, está o Salão Nobre, repleto de elementos decorativos. Observe a pilastra, que é um pilar acoplado à parede. A ornamentação é semelhante a da coluna do saguão? Você consi-

dera mais simples ou mais elaborada? Esta pilastra é parecida com as colunas encontradas na galeria? Quais são as semelhanças?

Esta pilastra segue a **ordem compósita**: reúne características do estilo jônico (como a voluta), utilizado no térreo, e o coríntio (como as folhas de acanto), opção de Bezzi para as arcadas e colunas visíveis do exterior.

O Salão Nobre diferencia-se pela ornamentação com maior número de elementos decorativos de inspiração vegetal: coroas de louro e carvalho em torno das molduras, rosetas na parte inferior de pedes-

tais das colunas e ornatos para emoldurar a tela *Independência ou morte!*. Por se tratar de um edifício-monumento, pode-se observar que o arquiteto buscou estabelecer um “crescente” arquitetônico e decorativo, cujo ápice se dá no Salão Nobre, diante da pintura que representa a independência.

A partir de 1895, o Liceu de Artes e Ofícios passa a difundir esse repertório de ornamentos clássicos, por meio da formação de muitos artífices. Neste sentido, a curadoria da exposição considera o edifício-monumento um **marco** na arquitetura de São Paulo, que se tornou um **referencial construtivo** para a cidade.



1 *Palmeta: elemento inspirado na folha de uma palmeira.* Fotografia, Pedro Catunda Marques, 2022.

2 *Folha de acanto.* Fotografia, Pedro Catunda Marques, 2022.

3 *Roseta.* Fotografia, Pedro Catunda Marques, 2022.

4 *Detalhe da fachada, em que se identificam elmo, escudo e dragões.* Fotografia, Pedro Catunda Marques, 2022.

5 *Colunas do saguão segundo ordem jônica.* Fotografia, José Rosael, 2014.

6 *Coluna com ornamentação coríntia.* Fotografia, Pedro Catunda Marques, 2022.

7 *Ornamento do Salão Nobre segundo ordem compósita (voluta e folha de acanto).* Fotografia, José Rosael, 2022.

ENTRE REFORMAS E RESTAUROS DO MUSEU DO IPIRANGA

Ao longo dos mais de cem anos de sua história, o edifício-monumento recebeu **manutenções preventivas** em diferentes momentos. Intervenções estruturais mais significativas aconteceram duas vezes: em 1995 e entre 2019 e 2022.

É importante ressaltar que as formas de construir empregadas por Bezzi não são facilmente reconhecidas pelos profissionais de hoje, tornando qualquer intervenção bastante desafiadora.

Em 1994, às vésperas do centenário do edifício, deu-se início a uma reforma. O telhado foi substituído, foram instalados para-raios e a claraboia de vidro foi

refeita. As instalações elétricas, estabelecidas na década de 1940, foram substituídas e complementadas, em função da percepção da necessidade de se garantir uma estrutura adequada ao processo de informatização, já em curso nos anos 1990.

Foram instaladas vigas de aço nas torres laterais, para complementar o sistema de sustentação projetado por Bezzi, já parcialmente deteriorado. Também foram feitos reparos nos revestimentos e esquadrias (portas e janelas). Além das **intervenções estruturais**, foram feitos trabalhos de **restauro**, como nas pinturas localizadas na sanca, por exemplo.

Naquele momento, o Museu permaneceu aberto à visita, de forma que conviveram visitantes, coleções, equipes do museu e trabalhadores em atuação nas reformas. Sabia-se que uma intervenção completa no edifício só seria possível com o esvaziamento total das reservas técnicas e demais espaços do museu, o que não era viável naquele momento.

A partir dos anos 2000, a instituição iniciou trabalhos preparatórios para uma nova reforma, mais abrangente. Esta preparação envolveu a produção de um programa de necessidades das áreas técnicas, os estudos arquitetônicos para a ampliação do Museu e a tramitação do projeto nas instâncias gestoras.

A infiltração das águas das chuvas sempre foi um ponto sensível para a edificação, sendo um problema enfrentado por muitos anos. O arquiteto Bezzi não deixou registros do **projeto hidráulico**. Essa condição tornava difícil uma investigação detalhada para que um plano de intervenção mais assertivo pudesse ser traçado. Por isso, apesar das **manutenções rotineiras** e da intervenção realizada em 1995, as infiltrações seguiram degradando o edifício.

Em 2013, a então diretora do Museu do Ipiranga, Sheila Walbe Ornstein, decidiu por seu fechamento porque laudos técnicos indicavam graves consequências das infiltrações. Foi verificado o comprometimento dos forros de algumas salas. Após o **fechamento emergencial**, foram feitos escoramentos nestes forros.



Restauradores em atividade na sanca. Fotografia, José Rosael, Anos 1990.



Processo de restauro do telhado do edifício. Fotografia, Helio Nobre, 2020.



Museu do Ipiranga em obras. Fotografia de drone, Pedro Catunda Marques, 2022.

Uma empresa especializada foi contratada para a produção de um diagnóstico das condições estruturais do edifício-monumento. A estrutura e os revestimentos do edifício foram analisados por diferentes métodos e foi possível compreender melhor o sistema hidráulico e projetar a reforma. Este é um dos aspectos da **restauração** que possibilitou a reinauguração do Museu em 2022.

Foi realizado também um escaneamento 3D, que dissipou dúvidas a respeito do sistema de forças que sustenta a edificação. A partir de **novas tecnologias**,



Processo de restauro da tela *Independência ou morte!* Fotografia, José Rosael, 2019.

foram feitas investigações que permitiram a projeção de intervenções mais precisas e novos usos dos espaços. Um exemplo dessas novas possibilidades é a abertura para visitação dos pisos superiores, localizados nas torres laterais e centrais.

Além da reforma das estruturas do edifício, a obra previu um trabalho generalizado de **restauração**, como por exemplo das fachadas e da pintura *Independência ou morte!*.

Para ampliação das áreas expositivas, as coleções preservadas pelo Museu e parte de suas fun-

ções técnicas foram deslocadas para outros edifícios no bairro do Ipiranga. A ideia é construir um espaço especialmente projetado para abrigar coleções, laboratórios, biblioteca e salas de reuniões para manter o edifício sede do Museu totalmente dedicado a atividades e exposições públicas. Com esse propósito, foi escavada uma área do Parque da Independência, logo à frente do edifício, para a construção de um **pavimento no subsolo**, destinado ao acolhimento do público visitante e a exposições temporárias.

UM MUSEU EM TRANSFORMAÇÃO

O edifício-monumento foi concebido para celebrar a independência como um mérito do **imperador** dom Pedro I. Ainda assim, foram muitos os debates em que se defendia que era preciso atribuir um uso ao edifício. No período do Império, uma das ideias levantadas era de que fosse ocupado por atividades de pesquisa científica.

A construção foi finalizada já no tempo da **República**, cujo projeto político não tinha interesse em celebrar os feitos do Império. Com isso, os debates sobre a ocupação do edifício se acirram, e venceu a intenção de transferir o recém-criado museu do estado para o espaço do edifício-monumento.

O Museu Paulista foi criado em 1893, a transferência das coleções ocorreu em 1894 e, em 1895, o museu foi aberto no palácio do Ipiranga. Por esse motivo ficou conhecido como Museu do Ipiranga. A região ficava a mais de 5 quilômetros dos limites da cidade até então estabelecidos, sem ligação por meios de transporte. Quem circula hoje no **bairro do Ipiranga**, tão movimentado, não imagina esse lugar pouco habitado. O edifício-monumento funcionou enquanto um atrativo para o desenvolvimento urbano ao seu redor.

Observe a fotografia de uma antiga sala do museu em que eram apresentados pássaros taxidermizados. Você imagina encontrar vitrines semelhantes atualmente no Museu do Ipiranga?

As salas expositivas do início do Museu eram muito diferentes de hoje, isso porque as coleções e a maneira de expô-las aos públicos eram distintas.

O Museu foi concebido como um **Museu de História Natural**. Seu acervo teve início a partir da coleção de Coronel Joaquim Sertório, doada pelo conselheiro Francisco de Paula Mayrink ao estado. A nova instituição foi caracterizada por objetos do reino animal, vegetal e mineral, e por uma coleção de moedas antigas.



Primeira sala de aves no Museu do Ipiranga. Fotografia, Autor desconhecido, Século 20.

O primeiro diretor da instituição, o zoólogo **Hermann von Ihering**, dedicou-se a ampliar as coleções de zoologia, história, antropologia, etnologia, geologia e botânica, por meio de investigações e criação do horto botânico. Contou também com a colaboração de outros cientistas que faziam pesquisas de campo por meio de expedições a diferentes lugares em busca de novas coleções.

Atualmente, o museu dedica-se apenas à disciplina de história. O que aconteceu com as coleções de história natural que estavam no Museu do Ipiranga?

Com a especialização do conhecimento científico ao longo do século 20, e o aumento das coleções e pesquisas dedicadas a elas, novas instituições foram criadas e as coleções do Museu foram transferidas.

A partir de 1917, a área da história do Brasil, narrada a partir da história de São Paulo, ganhou salas expositivas. O novo diretor Afonso Taunay tinha a missão de preparar o Museu para o centenário da Independência. Além das novas exposições, Taunay formou coleções para o estudo da história do Brasil e de São Paulo. Aos poucos, as coleções que não dialogavam com o projeto de Taunay foram transferidas para outras instituições, para que o Museu tivesse exclusivamente coleções de história.

A transformação da região do Ipiranga é um dos temas explorados no livro *A cidade vista de cima*.

TRANSFERÊNCIA DAS COLEÇÕES

1

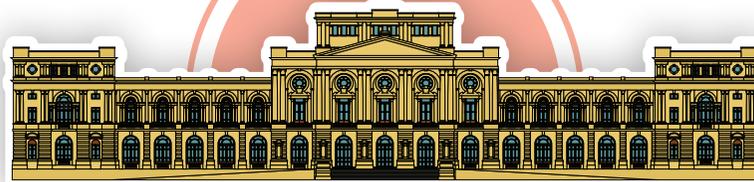


A coleção de botânica foi transferida para o Instituto Biológico em 1927. Em 1948 passam a integrar o Instituto de Botânica, localizado no Parque Estadual das Fontes do Ipiranga.

2



Em 1939, as coleções zoológicas foram integradas ao Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, atual Museu de Zoologia da USP.



3



Em 1905, parte da coleção de arte foi transferida e deu origem à Pinacoteca de São Paulo.

4



Em 1989, as coleções de arqueologia e etnologia foram transferidas para compor o acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE).

1 *SETARIA ITALICA*. Colhida por H. Luederwaldt, Estado de São Paulo, Brasil, s.d., reprodução de exsiccata. Acervo do Herbário do Instituto de Botânica.

2 *Coleção de Borboletas*. Acervo Museu de Zoologia da USP.

3 *Caipira picando fumo*. Óleo sobre tela, Almeida Júnior, 1893. Acervo Pinacoteca de São Paulo.

4 *Dois figuras antropomorfas em canoa de cerâmica*. Karajá, 1960. Acervo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

A ampliação da coleção de História se deu tanto por meio da encomenda de pinturas quanto por meio de aquisição de moedas, selos, medalhas, manuscritos, mapas, armas, vestimentas, gravuras, entre outros documentos relacionados à história do Brasil. Mas, a sua principal realização foi a concepção do projeto museográfico do Museu para as comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil em 1922.

Ele também desenvolveu um projeto visual celebrativo para o Saguão, a Escadaria e o Salão Nobre, que é reinterpretado pela atual curadoria da exposição *Uma história do Brasil*.

É importante ressaltar que a visão de História do diretor do Museu, Afonso Taunay, materializada em seu projeto decorativo, foi preservada graças ao tombamento de sua exposição pelos órgãos de preservação de patrimônio, o que na prática significa que ela deve ser mantida tal qual foi concebida por ser entendida como um documento da época em que foi produzida.

Em 1963, o Museu do Ipiranga foi incorporado à Universidade de São Paulo, tornando-se assim um museu universitário. Além da continuidade como polo de pesquisa, o Museu foi transformado em um espaço de ensino.

Hoje, os curadores do Museu são também professores. São responsáveis pelas exposições, pela pesquisa e pela ampliação das coleções, além de ministrarem aulas e orientarem novos pesquisadores.

Você pode conferir mais detalhes sobre as encomendas realizadas por Taunay para seu projeto expositivo nos livretos *Uma história do Brasil* e *Passados imaginados*.

COMO É POSSÍVEL ESTUDAR A HISTÓRIA POR MEIO DAS COISAS?

As pesquisas do museu têm em comum o trabalho a partir da **cultura material**, que abrange objetos, imagens e modificações de paisagem, ou seja, qualquer elemento natural que tenha sido apropriado e transformado pela sociedade. Essa apropriação acontece quando pessoas intervêm, modelam e dão formas a esses elementos, segundo propósitos e normas culturais.

Nessa metodologia de trabalho, os objetos são observados ao mesmo tempo de duas formas: como resultados de relações sociais e também enquanto meios para a construção dessas relações.

Você já parou para pensar sobre quais informações uma manteigueira de porcelana pode nos dar sobre quem a produziu? E sobre quem a utilizou?

O material com o qual foi produzida e sua decoração podem ser um caminho para observarmos uma produção exclusiva que indica a diferenciação social de seu dono. Nesse sentido, enquanto produto, a manteigueira é resultado material que permite entender vários aspectos da sociedade que a fabricou.

Por outro lado, seu uso por uma família abastada pode ser um dos meios de construção e manutenção das relações de sociabilidade com aqueles que eram recebidos em jantares na casa. Para partilhar desses jantares era necessário dominar códigos de etiqueta à mesa. Você já pensou em observar os objetos desta forma?

Outro aspecto importante no estudo da cultura material é a relação dos objetos com o **corpo humano**.

A cadeira da escola, por exemplo, é tão confortável como a poltrona de casa? Por que não? Nossa postura corporal é a mesma quando sentamos em casa para assistir televisão e quando estamos assistindo uma aula na escola?



Manteigueira. Porcelana, A. Hache & Co., 1895-1901.

CORPO E OBJETO

O design da cadeira escolar e da poltrona de casa são feitos para garantir o conforto de quem os utiliza? Será que esse conforto depende da forma como as utilizamos e do tempo que permanecemos sentados?

CARTEIRA ESCOLAR



POLTRONA



ATENTA

POSTURA

RELAXADA

VISA A CONCENTRAÇÃO

ERGONOMIA

VISA O DESCANSO

NÃO É PRIMORDIAL

CONFORTO

DESEJADO

Nas relações estabelecidas com os objetos podem acontecer transformações corporais. Um exemplo disso é a lesão por esforço repetitivo, causada pela utilização de um mesmo instrumento de trabalho por muito tempo.

Outro exemplo é o espartilho e outros itens de vestimenta, que deixam marcas nos corpos que os utilizam. Ao utilizar os objetos, em seu cotidiano, você costuma pensar neles dessa maneira?



Analisar os objetos a partir da perspectiva da cultura material nos permite compreender as várias dimensões que eles têm na sociedade. Nesta forma de análise feita pelos pesquisadores do Museu, os objetos são interpretados como documentos históricos, ou seja, como suportes de informação.

Sabemos que alguns objetos são criados com o fim de registrar uma informação: uma certidão de nascimento, por exemplo. Porém, qualquer objeto pode ser tomado como documento histórico. Isso acontece quando colocamos questões para serem pensadas a partir dele: de que matéria-prima foi feito? Como ela foi processada? Quem foram as pessoas envolvidas em sua produção? Quem o utiliza e para quê? Por quais camadas sociais ele circula na sociedade? Por que foi preservado ou descartado?

É importante atentar para o fato de que o objeto, evidentemente, não responde às perguntas. São historiadores, em seu processo de trabalho, que escolhem objetos para serem documentos de sua pesquisa, colocam as perguntas e constroem interpretações sobre a sociedade, a partir da metodologia de pesquisa da cultura material.

O historiador pode fazer suas pesquisas em um museu? Imagine um cientista fazendo testes com microrganismos em um laboratório para desenvolver uma vacina. Assim como a biologia é um campo das ciências da natureza, a história é um campo das ciências humanas, que investiga o passado para compreender a sociedade no presente. Os museus de história são lugares privilegiados para a observação da cultura material, ou seja, para funcionarem como um **laboratório da história**. É assim que o Museu do Ipiranga procura trabalhar.

BORA REFLETIR?



O VALOR DOS OBJETOS

O que um samba canção escrito por Cartola pode ter em comum com o trabalho de um historiador do Museu? Vamos comparar o trecho da canção “As rosas não falam” e as ações do historiador que trabalha com cultura material.

As rosas não falam – Cartola

Queixo-me às rosas

Que bobagem, as rosas não falam

Simplesmente as rosas exalam

O perfume que roubam de ti

A rosa faz o eu lírico lembrar da mulher amada. Ele só pode sentir seu perfume quando se aproxima da flor. Somos nós que atribuímos sentido e valor ao perfume das flores. O mesmo acontece com os objetos porque, assim como as rosas, eles também não falam. Seu valor como documento não é intrínseco, é atribuído. Numa analogia com o trabalho do historiador, as rosas seriam os objetos e o perfume, a informação sobre a sociedade. Mas isso só acontece porque o historiador escolhe estes objetos como documentos para sua pesquisa, ou seja, se aproxima deles, assim como o eu lírico se aproximou da rosa.

LABORATÓRIO DA HISTÓRIA

Em 1989, o historiador **Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses** assumiu a direção do Museu do Ipiranga. Desde então, o Museu se especializou no campo da História do Brasil e da Cultura Material. No Museu, a perspectiva da Cultura Material é desenvolvida por meio de três linhas de pesquisa: Cotidiano e sociedade, Universo do trabalho e História do imaginário, que objetivam compreender a sociedade brasileira a partir da análise de objetos, imagens e documentos escritos.



Trabalho de conservação de fotografia pertencente à coleção do Museu. Fotografia. Helio Nobre/José Rosael. 2021.

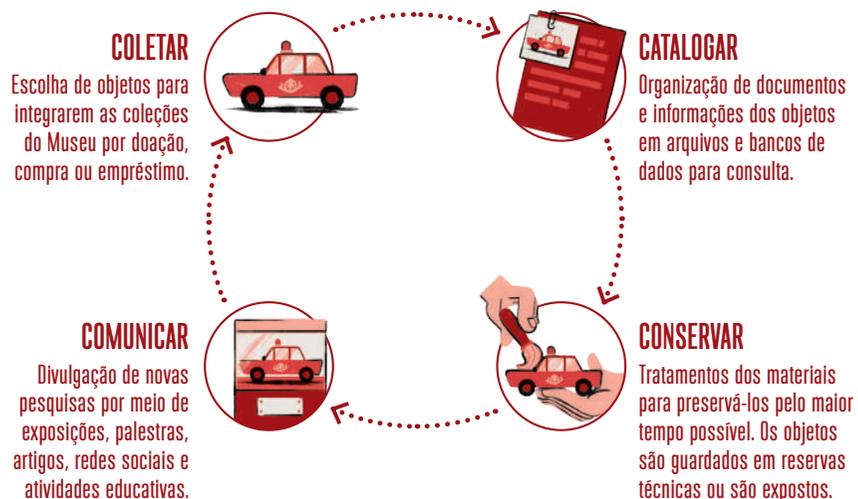
LINHAS DE PESQUISA DO MUSEU DO IPIRANGA



O trabalho no laboratório da história se organiza a partir do **ciclo curatorial**.

As etapas do ciclo curatorial não acontecem de forma linear. Sua ordem se estabelece a depender das necessidades e características de cada objeto. Elas não se encerram, uma vez que novas pesquisas sempre podem ser feitas, intervenções de conservação são necessárias periodicamente, a documentação de novos dados sobre os objetos segue sendo alimentada e se pode organizar novas exposições, publicações, atividades educativas e ações em redes sociais para divulgar as coleções do museu.

CICLO CURATORIAL



É muito comum que as pessoas associem o Museu do Ipiranga somente ao imaginário em torno de episódios da independência ou da família real. Você conhecia a história da instituição? Além de apresentar sua trajetória desde o projeto arquitetônico de Bezzi ao recente processo de restauração e ampliação do edifício-monumento, a exposição *Para entender o Museu* também expõe como a formação de coleções é orientada por mudanças conceituais e novas formas de entender a sociedade de nosso e outros tempos. Convidamos você a também realizar esse exercício em seus processos pedagógicos!



Exposição Museu do Ipiranga para todos realizada no Memorial da Inclusão. Fotografia. Helio Nobre/José Rosael. 2017.



Oficina de conservação de documentos pessoais. Fotografia. Helio Nobre/José Rosael. 2019.

Este tema está desenvolvido no livreto
Ciclo curatorial.

BIBLIOGRAFIA

FERRONI, E. *et al.* A preparação do Museu do Ipiranga para o Bicentenário da Independência em 2022. *Revista Restauro*. v.4, n.7 (2020).

MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, [S. l.], n. 115, p. 103-117, 1983.

MENESES, U. T. B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994.

VIEIRA, L. S. *Apontamentos acerca da política de aquisição de acervo no Museu Paulista (1990-2015)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

WITTER, J. S. (dir.); BARBUY, H. (org.) *Museu Paulista: um monumento no Ipiranga. História de um edifício centenário e de sua recuperação*. São Paulo: Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1997.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-reitora

**MUSEU PAULISTA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
Rosaria Ono
Diretora

Amâncio Jorge de Oliveira
Vice-diretor

**FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
Marcilio Alves
Diretor

Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Diretora-adjunta

Catálogo na fonte: Biblioteca do Museu Paulista da USP (Museu do Ipiranga)

Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Material para Professores / Isabela Ribeiro de Arruda, Denise Cristina Carminatti Peixoto e Vanessa Costa Ribeiro (org.). — São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2022.

Os conteúdos mobilizados na redação deste volume são de autoria dos curadores da exposição.

9 v. (várias paginações) : il. ; 21 cm
ISBN: 978-65-993063-5-8
eISBN: 978-65-993063-6-5

1. Museus de história – Brasil. 2. Educação em Museus. 3. Museu Paulista da Universidade de São Paulo. 4. Museu do Ipiranga. I. Título. II. Autor.

Elaborada por Hálida Fernandes - CRB-8/7056

EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO
Vânia Carneiro de Carvalho

VICE COORDENAÇÃO
Paulo César Garcez Marins

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Cristiane Batista Santana

EXPOSIÇÃO PARA ENTENDER O MUSEU

Solange Ferraz de Lima
Curadora

Rodrigo da Silva
Curador-adjunto

Marcelo Cardoso de Paiva
Curador-adjunto

Guilherme Domingues Gonçalves
Assistente de curadoria

MATERIAL PARA PROFESSORES

COORDENAÇÃO
Isabela Ribeiro de Arruda
Denise Cristina Carminatti Peixoto
Vanessa Costa Ribeiro

CONCEPÇÃO DO MATERIAL
Laíza Santana Oliveira
Sofia Gonçalves

PESQUISA E PRODUÇÃO DE TEXTOS
Letícia Suárez Victor
Sofia Gonçalves

A ficha técnica completa do Material para Professores está disponível no livreto *Por onde começar?*.

PRONAC 204577; 192589; 190216.



Lei de Incentivo à
CULTURA

USP

FUSP

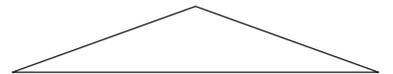
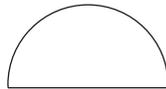
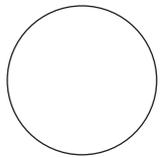
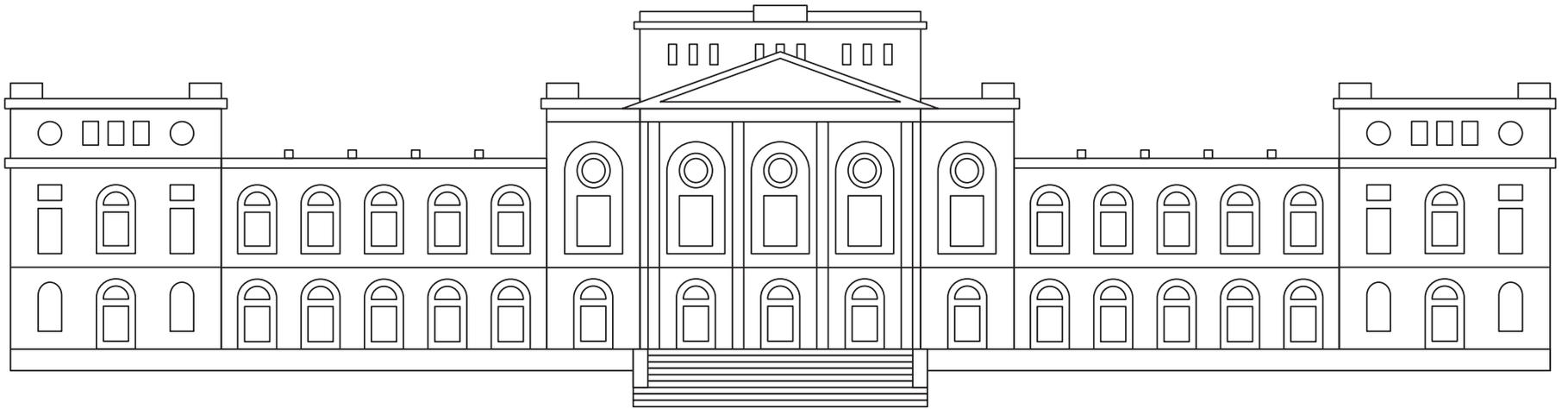
SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



FABRICA DE
A.P. RODDOVALHO
SAO PAULO





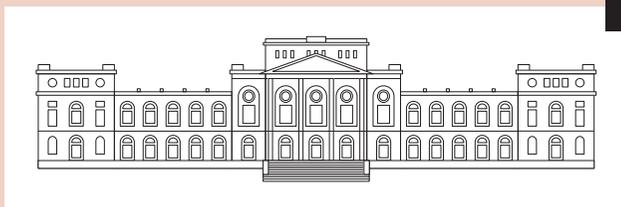
O EDIFÍCIO-MONUMENTO E SUA ARQUITETURA

← **ESTA ATIVIDADE É FORMADA PELAS SEGUINTE PRANCHAS:**

Prancha 1 - Ilustração simplificada do edifício-monumento
Prancha 2 - Cartão-postal *Museu Paulista*

OBJETIVO

A atividade tem por objetivo promover a apropriação, pelos estudantes, do edifício-monumento ocupado pelo Museu do Ipiranga em suas dimensões histórica, arquitetônico-matemática e artística.



1

ETAPA 1

A partir da versão simplificada da fachada do edifício, apresentada na **Prancha 1**, a atividade consiste em identificar as características e estabelecer relações a partir das formas geométricas planas que compõem a fachada (retângulo, quadrado, triângulo, arco / semicírculo...). Para isso, alguns caminhos são possíveis. Apresentamos algumas ideias para execução da atividade:

- Identificar as figuras planas que compõem a fachada do edifício, a partir da percepção de características, como contagem de lados e ângulos;
- Contar quantas vezes cada figura aparece na fachada do edifício;
- Estabelecer uma cor para cada figura geométrica e reproduzir no caderno adequadamente, juntamente a um objeto do cotidiano que apresente a mesma forma;
- Estabelecer eixos de simetria do edifício e de cada figura que o compõe;
- Com auxílio de papel quadriculado, produzir versão aumentada de cada um dos elementos / figuras que compõem a fachada do edifício;
- Reproduzir estes elementos aumentados em folhas diversas e recortá-los. Seguindo o princípio da simetria, criar uma nova organização para eles, propondo uma nova fachada. Neste novo desenho, está permitida a repetição de formas mais vezes do que elas aparecem no original, mas não é possível excluir nenhuma forma.

Ao final, conduza um debate que sintetize a experiência proporcionada pela atividade. Isto pode ser feito retomando as características das figuras geométricas a partir dos exemplos produzidos em função da arquitetura do edifício. Outro caminho é reforçar o conceito de simetria a partir da comparação entre as diferentes fachadas produzidas pela turma.

ETAPA 2

Faça uma sondagem a respeito do entendimento da turma sobre o que é um “monumento”. É possível que ocorra a associação ou lembrança de alguma escultura. Conduza um debate sobre as razões pelas quais uma sociedade constrói monumentos, e o porquê as gerações seguintes não necessariamente se identificam com eles. Quais são os monumentos conhecidos pela turma? Há uma identificação com tais monumentos? Indique que o prédio do Museu do Ipiranga foi criado para ser um monumento à Independência do Brasil, e apenas posteriormente foi ocupado pelo Museu. É pertinente pontuar que, apesar de parecer um palácio, o edifício nunca foi utilizado como moradia.

Por fim, proponha aos estudantes conceber desenhos ou maquetes de monumentos a partir dos elementos geométricos trabalhados anteriormente e inspirados em algo que queiram homenagear coletivamente. Será importante trabalhar com a construção de consensos para chegar à proposta final do que irão homenagear, partindo da ideia de algo que estaria em um espaço público e em diálogo com diferentes grupos de pessoas.



Cartão-postal Museu Paulista. Autor desconhecido, século 20. Acervo Museu Paulista-USP. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.

O EDIFÍCIO-MONUMENTO E SUA ARQUITETURA

ESTA ATIVIDADE É FORMADA PELAS SEGUINTE PRANCHAS:
Prancha 1 - Ilustração simplificada do edifício-monumento
Prancha 2 - Cartão-postal Museu Paulista

ETAPA 3

Sugerimos que seja realizada com os alunos uma atividade de observação de um edifício. Na frente desta prancha, reproduzimos uma fotografia do Museu do Ipiranga. O professor pode também propor esse roteiro de observação para outra construção, eventualmente o próprio prédio ocupado pela escola ou, se tiver a oportunidade, durante a visita ao Museu do Ipiranga.

1. Observação dos arredores do edifício

- Onde se situa geograficamente o edifício? Qual sua situação em relação à paisagem? Qual sua posição?
- Como é o entorno do edifício? É cercado por paisagem natural, jardim, praça, superfície de água ou outros edifícios?
- Está bem localizado? Por quê?
- É um edifício civil ou religioso? É público ou privado?

2. Observação do edifício em si

2.1 - O material

- Quais são os materiais utilizados para sua construção? Repare nas dimensões dos blocos e como são feitos os encaixes das diferentes partes. Há contraste de materiais e cores?

2.2 - A construção

O Exterior

- Encontre as maiores dimensões: comprimento, largura e altura. Que tal comparar com o tamanho de um ser humano para ter uma dimensão da escala do edifício?
- Qual é o estilo do edifício? Qual o seu formato?
- Qual a superfície que ocupa no terreno?
- Quanto às diferentes partes que o compõem: são simétricas ou não. Como estão dispostas?
- Para a análise da sua elevação (sua altura), foram usadas mais linhas verticais, horizontais, oblíquas ou curvas?
- Quais os andares visíveis?

- Que tal desenhar sua fachada? Registre janelas, claraboias, atentando-se para as quantidades, formas e suas dimensões

O Interior

- Repare nos espaços internos. Eles estão conectados? Os espaços estão divididos em áreas pequenas, amplas ou equilibradas? Como são asseguradas as comunicações desses espaços?
- Como é distribuída a claridade natural?
- Quanto à utilização do espaço interno, apresenta comodidades para seu usuário ou traz dificuldades?

3. Observação da decoração

- Em que consiste a decoração do edifício? Há esculturas (estátuas e relevos)? Há colunas ou pilares?
- Há pinturas murais? Afrescos?
- Quais são seus ornamentos? Há mosaicos? Há tapeçarias? Há mobiliário?
- Qual a distribuição desses ornamentos em seu interior e no seu exterior?
- Existe relação entre a forma e a disposição da decoração e a arquitetura em si? Qual a importância da decoração em relação à arquitetura?

4. As condições da construção do edifício

- Quem fez o projeto da construção do edifício? Um arquiteto, um mestre de obras ou um decorador?
- Quais tecnologias foram empregadas em sua construção? Há recursos tecnológicos que facilitaram sua construção? Quais?
- Quais eram os objetivos, os desejos e os sonhos daqueles que utilizaram primeiro esse edifício? Quais eram os gostos da época em que foi feito?

Fonte: Esse roteiro foi adaptado de PEIXOTO, Denise Cristina Carmi-natti. *Arqueologia e Educação: uma proposta de leitura do patrimônio*. 2005. Dissertação (mestrado em arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.